



Duarte, A. S. *Sentido: um olhar osmótico da ecolinguística*. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê

"Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016.

[<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

Sentido

Um olhar osmótico da ecolinguística

Anderson Simão Duarte¹

*Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido: estudos
linguísticos e literários* v. 4, n. 2, 2016

¹ Doutor em Educação em Ciências e Matemática - Reamec. Mestre em Estudos de Linguagens. Docente Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso no Curso de Graduação Letras Libras, licenciatura. Coordenador Pibid/Libras. Editor Gerente da Revista Diálogos (Qualis B2). Coordenador do Grupo de Pesquisa Rebak Sentidos.



1. SUJEITOS SEMIPERMEÁVEIS: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

De acordo com FERRARI (2011), a metáfora é “um mecanismo que envolve a conceptualização e um domínio de experiências em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas de experiências, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato”. (FERRARI, 2011, p. 92, *apud* NEVES e BERNARDO, 2014, p. 188).

As metáforas são espelhos das representações da constituição do sujeito e do surgimento dos sentidos, torna-se palpável a exemplificação e entendimento de como o sentido é constituído no processo de interação entre os sujeitos por meio da língua.

As experiências são as matrizes celulares que constituirão os sentidos, assim como a formação dos tecidos. Cada célula tem sua constituição bio, físico e químico própria mesmo pertencendo ao mesmo tecido. Logo cada sujeito, mesmo compondo o mesmo Meio ambiente tem sua propriedade de experiências e constituição do seu próprio Eu. Este Eu, que constantemente está sendo avaliado, analisado, interagindo e imergindo no olhar do Outro.

Entendo a ecolinguística numa visão de língua como interação, compreendo portanto, a língua como meio e a interação como espelho, aqui interação analiso como organismo a organismo. Seja um organismo unicelular, contato entre seus próprios Eus: organelas, célula e meio ambiente, e/ou também, organismos pluricelulares, pois vejo seus Eus constituídos pelas suas propriedades citoplasmáticas, celulares, tecidos, órgãos e sistemas, além do contato concreto intracelulares, também ocorrem com o meio ambiente. Este “contato” é a própria interação do ecossistema e nele que surgirá os acordos de sentidos.

Os espaços celulares são norteados pelo processo osmótico, ou seja a nutrição e diálogo entre estas estruturas biológicas, já a interação é



circundada pelo silêncio, ações estes que apimentam, direcionam e lubrificam as palavras, estruturas mínimas do enunciado.

Mas não se deve pensar que o silêncio se opõe à linguagem, pois na verdade ele a supõe. Somente a partir da linguagem posso ouvi-lo ou nomeá-lo. O silêncio se dá sempre no intervalo: entre duas palavras, entre dois enunciados, entre dois textos, entre duas vozes e entre dois regimes discursivos. Só posso ouvi-lo se já passei para o outro lado. É quando já estou em outro regime, em outro tempo e em outro lugar que posso então nomeá-lo. Quanto a esse lugar onde estou, nunca saberei falar dele, de seus constrangimentos e de seus silêncios. Somente um outro poderá fazê-lo por mim. (AMORIM, 2004, p. 285).

O silêncio é a ponte que liga os dois lados dos enunciados e dos acordos de sentidos, nele estão embebidos as intensões individuais e/ou coletivas dos enunciadores. Este processo osmótico, o silêncio, que faz os líquidos num meio mais concentrado para o menos concentrado a se interagirem na tentativa de uma solução balanceada.

Assim ocorrem com o surgimento dos sentidos, no encontro dos enunciados trazendo consigo as marcas sociais e dialógicas das experiências e intenções. A cada organismo/palavras/sinais/símbolos/desenhos tem a marca ideológica dos signos, estes subjetivos, porém nunca neutros nem inocentes.

2. O MEIO DOS SENTIDOS

A ecolinguística concebe a linguística à vida, ao processo de interação de contato de inter-relação entre e para os organismos num dado Meio Ambiente em contato direto com a Língua, e este ao Sujeito (Povo). Assim, não posso entender ou conceber a dissociação destes sistemas naturais e unificadores.

Como já mencionado anteriormente, irei apreciar cada célula como organismo físico e palpável, o processo de osmose como interação entre os organismos e os meios – o todo, como sentidos.



A cada organismo, infinitas experiências de vida e saberes, assim como a cada célula infinitas informações genética, o processo de interação ocorre entre estes organismos como oxigênio à sobrevivência social, formando um tecido com dado fim ao órgão, ou seja, ao grupo que pertence.

Cada organismo nunca estará saturado das vozes dos Outros, pois este está imerso socialmente, e a tendência é sempre de equilíbrio de experiências e saberes, sentidos. “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está no meio social que envolve o indivíduo”. (BAKHTIN, 2010, p. 125). Portanto, o meio social será o regente dos novos acordos de sentidos, pois é neste espaço físico que os organismos irão compartilhar seus Eus interiores, experiências.

Se olharmos didaticamente a figura 01, é possível compreender todo o processo metafórico que apresento neste artigo. Sendo a água (H_2O) o solvente universal transportando o soluto, tem a missão física-biológica-química de nutrir os organismos envolvidos no processo, assim como os acordos de sentidos são responsáveis pela sobrevivência da interação.

Segundo Bakhtin, não há palavra neutra nem sem intenções, evidentemente, na biologia, também não há processo biológico sem intenção ou inocente na esfera química. O organismo tem intenção, tem objetivos, tem propósitos e para isto, usa-se de todos os elementos físicos ou abstratos para o convencimento do Outro.

O sujeito enuncia para convencer, a palavra é dita para argumentar, o silêncio é emergido para direcionar e o sentido é acordado para interagir. Posso assim fazer uma analogia aos Meios: Hipertônico, Isotônico e Hipotônico com o processo da constituição do organismo/ sujeito com as vozes dos Outros, o meu Eu precisa constantemente do olhar do Outro, assim como o Outro é constituído pelo olhar do meu Eu, e este processo é sem dúvida o equilíbrio do meio em que fazemos parte.

Essa distância concreta só de mim e de todos os outros indivíduos - sem exceção - para mim, e o excedente de minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles (desse excedente é correlativa uma certa carência, porque o que vejo predominantemente no outro em mim mesmo só o



outro vê, mas neste caso isso não nos importa, uma vez que na vida a inter-relação “eu-outro” (não apode ser concretamente reversível para mim) são superados pelo conhecimento, que constrói um universo único e de significados geral, em todos os sentidos totalmente independentes daquela posição única e concreta ocupada por esse ou aquele indivíduo; para ele não existe tampouco a relação absolutamente irreversível “eu e todos os outros”; “eu e o outro” para o conhecimento, por serem concebidos, constituem uma relação relativa e reversível, uma vez que o sujeito do conhecimento como tal não ocupa um lugar concreto determinado na existência. (BAKHTIN, 2006, p. 22).

Conforme Bakhtin, todo Sentido é subjetivo pois será sempre a visão do meu Outro sobre o meu enunciado, e vice-versa. Não é fácil nem confortável falar de sentido sem entender o princípio do Meio Ambiente em que o organismo faz parte. Voltando a analogia das imagens, um Meio Hipertônico - MHo consiste nas experiências a serem compartilhadas com o Meio Hipotônico - MHe, conseguintemente, o Meio tornará Isotônico - MI, pois enunciados do MHo e MHe comungarão de soluções antes restritas, porém no pretérito já compartilhadas com outros organismos e assim sucessivamente.

A cada contato osmótico um novo acordo de sentido, novos direcionamentos, valendo-se de parâmetros internos (experiências) e externos (meio ambiente).

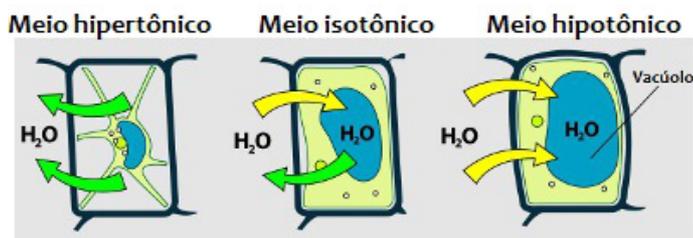


Figura 01. Processo osmótico celular. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=osmose&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0OahUKEwj1LWGTqLSAhXHIZAKHQgMCPgQ_AUICCGb&biw=1216&bih=634. Consulta em: 21/02/17.

Como foi largamente defendido por Mikhail Bakhtin, a função básica da língua é a comunicação. Não há comunicação sem língua nem língua que não seja usada em atos de interação comunicativa. A comunicação é tão fundamental que há até mesmo graus de entendimento, de





acordo com o contexto dos comunicantes. (COUTO, 2009, p. 33).



Neste grau de entendimento surgem os acordos de sentidos, pois a cada esfera, a cada contexto, a cada sujeito, a cada momento cronológico, a cada relação afetiva, a cada intenção surgirão novos acordos de sentidos. A subjetividade estará sempre untando os sentidos no processo dialógico.

3. SENTIDO: TERRITÓRIO, POVO E LÍNGUA

A concepção da ecolinguística nos apresenta a ideia de que primeiramente a constituição do território (T), logo a povo (P) e por seguinte, a língua (L). Se entendemos que L é o próprio organismo (Or), em conclusão: O sentido é soberano na interação P, sendo então, resultado da L no T pelo P. Portanto, a cada T um novo P, assim a L se moldará em consonância com o tempo em que a L ocorreu pelo P num dado T. Pois sabemos que a L constitui de forma sócio-histórica carregando as marcas do tempo, do P e do T.

Não se pode nunca ignorar sua época, mas a plenitude de seu sentido, se dá na grande temporalidade. Do mesmo modo é preciso não enclausurar a cultura de uma época sobre a mesma. Toda cultura contém inúmeras virtualidades de sentidos que não foram descobertas durante sua vida histórica (AMORIM, 2004, p. 192).

O sentido está na interação histórica e real de cada enunciado num dado tempo e espaço, este o motivo de entendermos como subjetivo e nunca acabado.

O território é o Meio Ambiente em que ocorrem os acordos de sentidos, neste espaço físico contempla as marcas históricas do clima, do solo, da vegetação, dos rios, dos animais e o regente humano. Todos estes sistemas estão de forma irreptível em sintonia dialógica e dinâmica envolvendo-se e modificando-se em conformidade as mudanças externas, neste momento os organismos comungam de acordos de sentidos linguísticos, biológicos, físicos e químicos.



Se exemplificar a vida de um cervo em que se faz necessário alterar seu habito, seu pelo, sua alimentação e até mesmo a sua reprodução em decorrência das alterações do Meio Ambiente, tem como meta a sobrevivência sendo portando a única forma de aceitação de novos acordos de sentidos naturais, ou seja, adaptação.

Assim o ser humano, ou uma única célula realizam, nunca inconsciente, novos caminhos com novos sentidos com o único propósito, a sobrevivência no T em que estão situados, exemplifico aqui os leucócitos, basófilos, eosinófilos até mesmo as células neurais.

O povo carrega consigo as marcas das experiências e saberes constituídos de forma coletiva com outros, estas marcas são designadas a sustentar e adaptar o P no T de origem ou num novo T. Os processos sociais de um P pode ser assim definido como Meio Ambiente Social (MA social) , também os processos mentais do P como Meio Ambiente Mental (MA mental) e por fim o natural, a saber Meio Ambiente Natural (MA natural). Observe que todos os MA são norteador e regidos pelo P num dado T.

Assim sendo, os acordos de sentidos fluirão nas ações concretas, diárias e permanentes do P nos espaços sociais, mentais e naturais da língua.

As experiências de vida do organismo ocorrem em contato com seu Outro de forma social, logo a língua é social e nunca individual; a língua é processada mentalmente pelo organismo, porém a sua constituição é dialógica e interacionista. E por fim, o MA natutral em que P está contido nos espaços físicos, sabendo-se que os acordos de sentidos serão moldados e direcionados em conformidade a estes espaços físicos, externos ao organismo. Pode-se observar com isto que os acordos de sentidos na ecolinguística é 100% integradora, comunicativa e bordadas pela interação do todo, jamais segregada frente ao Meio ambiente.



4. LINGUAGEM DO MEIO AMBIENTE



Um P constitui seus sentidos no conjuntos de elementos bióticos e abióticos, ou seja, na presença dos organismos tais como ser humano, cachorro, vaca, peixe, árvore, fungo, bactéria e vírus além do solo, água, ar, raios solares e outros.

Uma caminhada ao sol escaldante ao meio dia na cidade de Cuiabá, com aproximadamente 43°C carrega, sem dúvida um sentido negativo à saúde dos organismos ali viventes. Esta informação social, passa pelo crivo de interação entre sociedade, medicina e ecologistas. Estes sentidos são norteados pela linguagem do organismos compreendendo como componente do Meio ambiente. Assim, o solo, os rios e outros também sofrerão adaptações em decorrência à interação biológica, física e química entre os organismos no clima desértico em que se encontra a capital mato-grossense.

A formação de conceito é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzida à associação, à atenção, à formação de imagens, à interferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. (VIGOTSKI, 2011, p. 72-73).

Conceitos só são constituídos levando em consideração todo o meio ambiente e, sua plenitude linguística de interação entre os seres bióticos e abióticos.

É possível um dupla combinação do mundo com o homem: de dentro deste, como seu horizonte, e de fora, como seu ambiente. De dentro de mim, no contexto dos valores e sentidos de minha vida, o objeto a mim se contrapõe como objeto de propósito dessa mesma vida (ético-cognitivo e prático); aqui ele é um elemento do acontecimento único, singular e aberto da existência, do qual participo com interesse forçado em seu desfecho. (BAKHTIN, 2006, p. 88-89).

Sim, conforme Bakhtin os sentidos se constituem na relação dialógica do ser humano e meio ambiente, no entanto deve-se ter o entendimento que o ser humano é componente do meio em que vive, não se separa organismo



de meio nem tão pouco língua de sujeito. Onde entende-se que língua não é constituída exclusivamente de palavras ou sinais, mas de um processo de simbiotismo da natureza. Vale ressaltar que o ético-cognitivo assim como o que definimos como língua é social e histórico conforme já mencionado, pois tudo está com campo da subjetividade.

Subjetividade é um fenômeno individual, e a apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de quem em ambos os momentos de sua produção reconhecemos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual. (REY, 2005, p. 2002).

Portanto, o sentido nasce do processo de interação entre os organismo, levando em consideração o meio em que está associado. A história não pode, jamais ser negada ou desprezada como de fosse um elemento isolado do sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos na ecolinguística borbulha no processo de comunhão com todos os seres bióticos e abióticos; abstratos e concretos; biológicos, físicos e químicos; históricos, sociais e individuais. Os sentidos são subjetivos e nunca acabados, a cada contato inter e extra organismo terá sempre um novo acordo de sentidos.

Absolutamente, tudo no meio ambiente está inter-relacionado, tudo faz parte de uma grande trama fiada fio a fio de forma homogênic na sua amplitude heterogênic.

Os sentidos são os resultados do processo de interação do meio ambiente em sua totalidade, ou seja: 1) o território: solo, água, relevo, cidade, clima, temperatura, luz, banheiro, curral ou palácio, 2) o povo: animal, vegetal, fungo, bactéria ou vírus, 3) a língua : oral, sinal, imagens, símbolos, gravuras, processos bioquímicos e/ou biofísicos.



Entender os sentidos na ecolinguística é considerar o universo como um único organismo, interagindo, comunicando-se e adaptando-se dia-a-dia em decorrência das ações diretas ou indiretas dos próprios seres viventes. Nada está pronto ou acabado, os sentidos não são os do pretérito, nem do presente e jamais serão os mesmos no futuro, apenas são metafóricos.



REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, M. M. (1979) **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2006._____. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance.** São Paulo: HUCITEC Editora, 2010.
- BAKHTIN, M. M; VOLOSHINOV, V. N. (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- COUTO, E. K. N. N. **Ecolinguística: Um dialogo com Hildo Honório do Couto.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- COUTO, H. H. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente.** Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística contato de línguas.** São Paulo: Contexto, 2009.
- NEVES, J. B. T.; BERNARDO, S. Língua é interação: Uma metáfora conceptual. In.: COUTO, E. K. N. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. de O. (orgs). **Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora.** Brasília : Thesaurus, 2014.
- REY, F. G. **Sujeito e subjetividade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

